



O diálogo inter-religioso na perspectiva evangelical

Martin Weingaertner

Faculdade Luterana de Teologia

Junho de 1997

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA PERSPECTIVA EVANGELICAL

Martin Weingaertner*

O LUGAR DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Na Europa 'cristã' as religiões por muitos séculos desapareceram do horizonte cotidiano. O judaísmo, discriminado por todos os povos europeus, ficara confinado aos guetos e o avanço do islamismo fora contido nos limites do Império Otomano. Todavia, os navegadores e, mais tarde, os agentes do colonialismo bem como os missionários incluíram, de novo, o assunto 'religiões' na agenda da cultura européia.

Fim da Hegemonia Cristã no Ocidente

Na Europa iluminista brotou o questionamento da hegemonia cristã como podemos conferir no poema *Nathan der Weise* de Gotthold Ephraim Lessing (1729-81) publicado em 1779. Ele retrata o sábio Natã que mandara confeccionar duas cópias perfeitas do seu preciosíssimo anel. Cada um de seus três filhos recebe, assim, "o anel" por herança. A perfeição das cópias induz cada um dos três filhos a crer que recebera o anel original. Mas nenhum deles, jamais, terá certeza absoluta disto.¹ Desta maneira Lessing expressa sua convicção de que é impossível alcançar a verdade absoluta, de modo que, apesar de buscarem-na incessantemente, cristãos, judeus e muçulmanos não têm outra opção além da tolerância mútua.

Ainda por longo tempo, porém, as igrejas européias continuariam numa postura de complacente superioridade em relação às religiões. À luz da supremacia proporcionada tanto pelo colonialismo como pelo domínio do progresso científico e técnico, a cultura européia continuaria a considerar as demais religiões como estágios do desenvolvimento religioso: eram superiores ao animismo primitivo, mas, jamais, podiam ser equiparadas ao cristianismo.

O século vinte, no entanto, encarregou-se de abalar profundamente este cenário. As duas guerras mundiais, o desenvolvimento dos meios de comunicação, a globalização do comércio e do turismo e, não por último, o vazio existen-

*Martin Weingaertner é pastor luterano (IECLB), coordenador dos cursos teológicos do CPM em Curitiba, autor de 1 e 2 Timóteo (série Em Diálogo com a Bíblia) e membro da Comissão de Tradução da Nova Versão Internacional. Texto revisado da palestra proferida na Semana Acadêmica da Escola Superior de Teologia da IECLB, São Leopoldo, RS, em 11/04/1995.

¹Gotthold Ephraim Lessing, *Nathan der Weise*, Stuttgart, 1960.

cial da cultura ocidental mediaram um impacto sem precedentes das religiões, mormente do hinduísmo, do budismo e do islamismo, sobre o Ocidente.

No Brasil as religiões suprimidas pela hegemonia secular do catolicismo começaram a mostrar a cara. A identificação religiosa do brasileiro nos censos reflete esta transformação. Adeptos do espiritismo e da umbanda, por exemplo, já não necessitam mais da fachada católica para obter reconhecimento social.

A modernidade induziu o fim das hegemonias religiosas no Ocidente. Nesta nova conjuntura as igrejas começaram a perder as suas regalias históricas, uma por uma. O monopólio religioso evapora de fato. No século 20 as igrejas que de algum modo usufruíram dos privilégios outorgados à cristandade no ocidente desde Constantino, vêem-se expostas à concorrência do mercado religioso. Por enquanto, ao menos, elas ainda não absorveram este impacto.

Por toda parte igrejas procuram manter, a todo custo, a tradição, o paradigma anterior: Na *Argentina*, país católico por definição constitucional, há constrangimento em reconhecer o crescimento de igrejas evangélicas, bem como de religiões não cristãs (islamismo, umbanda, etc.). No *Brasil* a Igreja Católica reluta em abrir mão da posse de capelas de palácios e repartições — inclusive da catedral de Brasília — que *de iure* são propriedades do estado. Na *Rússia* a igreja ortodoxa procura reassumir o papel que exercia antes de 1917. Na *Alemanha* a igreja evangélica implantou imposto eclesiástico nos estados do leste, quando da sua incorporação.

Esta relutância, porém, não impede a mudança de paradigma. A pós-modernidade encarregou-se de legitimar toda e qualquer expressão religiosa. Uma visita às estantes de literatura religiosa de qualquer livraria nos convencerá de que nenhuma imposição retardará o processo em curso. Quem tenta reeditar o passado não demonstra vigor. Apenas admite a sua vulnerabilidade e o seu medo do novo.

A Imunodeficiência Eclesiástica

Há ainda um segundo aspecto que determina o espaço do diálogo inter-religioso: a vulnerabilidade das igrejas históricas. Na redoma do monopólio secular elas ficaram indefesas e sem imunidade. Numa recente reciclagem sobre missão urbana na igreja luterana os participantes leigos foram unânimes em afirmar que se sentem despreparados e desassistidos para lidar com a diversidade que enfrentam no seu dia a dia.

Mas, o questionamento de fora, o confronto com outras denominações e religiões, por mais agressivo que seja, não gera esta vulnerabilidade da igreja. Sua fragilidade é anterior a ele e tem causas internas. Por assim dizer, ela teve um período secular de incubação. Refiro-me à relativização dos conceitos cristãos a partir do iluminismo. No contexto da estabilidade que o monopólio religioso conferia a uma igreja, a crise de conceitos não fez muita diferença, ou melhor, não afetou o seu mercado cativo.

A recente exposição ao relativismo externo, no entanto, tem sobre a

igreja efeito semelhante ao do vento numa árvore no outono: ele leva todas as folhas e ramos que não receberem mais viço da árvore. Assim todas as igrejas históricas amargam, hoje, um esvaziamento e perda, sem precedentes, de sua membresia. Descubrem abismadas quão frágil é a adesão de seu público outrora cativo.

AS MODALIDADES DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

No panorama acima descrito há dois cenários distintos de diálogo inter-religioso:

Cenário Ecumênico e Acadêmico

O primeiro cenário pode ser exemplificado num diálogo promovido recentemente pela Folha de São Paulo sobre o tema *O Mito de Jesus*.² Havia sido convidados representantes do *islamismo*, *judaísmo*, *metodismo*, *luteranismo* e *catolicismo*.

Este diálogo foi realizado na *perspectiva de um relacionamento amistoso entre as religiões*. A composição do painel evidencia a marca registrada do primeiro cenário de diálogo inter-religioso, a convicção, expressa no debate pelo rabino Henry Sobel, de que "*Orespeito pelas diferenças é a essência da democracia. Há diferenças, felizmente não há divisões*" Aqui, portanto, em nome da democracia todo e qualquer conflito é descartado de antemão.

Este critério parece explicar, também, a escolha dos participantes deste debate. Com exceção do representante católico todos os demais convidados representam grupos, sem dúvida respeitáveis, mas absolutamente minoritários. Tanto muçulmanos e judeus, como metodistas e luteranos, perfazem, cada um, menos de um por cento da população brasileira. Assim, quatro dos interlocutores não representam estatisticamente os atores religiosos no Brasil. Além disto a composição da representação evangélica é, no mínimo, curiosa: metodistas e luteranos têm uma configuração teológica tão afinada que têm em conjunto um programa de pós-graduação.³ A seleção feita pelo o jornal, normalmente zeloso quanto à diversidade dos pontos de vista, reuniu interlocutores que aderem ao pressuposto da tolerância, articulado pela modernidade.

Os principais atores religiosos no Brasil hodierno, no entanto, não estavam: nem o kardecismo, nem a umbanda, nem a igreja evangélica carismática. Percebe-se, assim, que os organizadores já de antemão influíram no resultado do

²Folha de São Paulo, 17 de abril de 1995, caderno 3, p.3.

³O Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em São Leopoldo, RS / Rudge Ramos, SP

debate. A escolha dos participantes garantiu uma conversa amena e sem questionamentos mútuos. Qualquer conflito estava excluído. As palavras do rabino Sobel — *Há diferenças, felizmente não há divisões* — verbalizam o pressuposto elementar do cenário acadêmico e ecumênico do diálogo inter-religioso.

Cenário Conflitivo

O outro cenário do diálogo inter-religioso, ao contrário, é extremamente conflitivo. Ele está presente por todo Brasil urbano. Em qualquer bairro de periferia encontram-se, lado a lado, centros espíritas, terreiros de umbanda, templos da *Assembléia de Deus*, da *Igreja Universal* e da *Deus é Amor*, bem como da Igreja Católica.

Numa ferrenha concorrência por adeptos a linguagem falada neste meio não é *"doce, sempre doce"*.⁴ Os atores religiosos portam-se, antes, como um *"Schwarzenegger de sacristia"*.⁵ Neste cenário luta-se por espaço e por sobrevivência no mercado. O terreno, portanto, não é neutro. Há questionamentos mútuos, há disputa implícita pelas pessoas.

A POSTURA NO DIÁLOGO

Este último cenário revela que a questão da postura no diálogo inter-religioso é complicada. O Novo Testamento que, aliás, surgiu num ambiente religioso pluralista semelhante ao nosso, já conhecia o seu potencial de conflitos. Assim poderemos analisá-lo num incidente bíblico e buscar nas Sagradas Escrituras parâmetros que nos ajudem a andar neste terreno pantanoso.

Pedro e João

Quando em Getsêmani os soldados se aproximaram para prender Jesus, Pedro sacou sua espada (Mt 26:51; Jo 18:10). Certamente não pretendia cortar apenas a orelha de seu opositor. Queria, isto sim, decepá-lo. Os discípulos não haviam resistido à tentação de adquirir espadas (Lc 22:38). O seu intuito não era de agressão, mas, sim, de defesa própria. O desafio de *não resistir ao perverso*, mas de *oferecer a outra face* (Mt 5:39) sucumbira na medida que os discípulos viam o cerco inimigo fechar-se, à volta do mestre.

Esta atitude de Pedro tornar-se-ia o paradigma da igreja na sua história milenar. Como um todo a cristandade compraria espadas a partir da era constantiniana no quarto século d.C. A igreja que crescera pelo sangue dos mártires, passa-

⁴Josias de Souza, Jesus ou o ovo de Páscoa? in Folha de São Paulo, 17.04.95, cd.1, p.2.

⁵Josias de Souza, Ofereço a outra face, in Folha de São Paulo, 24.04.95, cd.1, p.2.

ria a usar a espada sempre que o considerasse necessário. Tornar-se-ia a marca da cristandade nas cruzadas, na inquisição, na conquista, na colonização.

Todavia, o pescador Pedro nem chegou a degustar o sucesso de seu golpe. A palavra de ordem de Jesus não o incentivou com um “Avante, camarada!” O *Basta!* (Lc 22:51) de Jesus o desnudou perante todos. Além disso, Jesus desfez o ato de bravura do seu discípulo e curou o inimigo ferido. Atônitos os discípulos bateram em retirada. Dois deles atrevem-se, depois, a seguir Jesus de longe até o pátio da casa do sumo-sacerdote, onde João permaneceria estrategicamente mudo enquanto Pedro negaria a Jesus três vezes (Jo 18:15-18).

Tanto o silêncio estratégico como a negação covarde são, no entanto, variações do reverso da postura do cruzado, do conquistador, da lei do mais forte. Sem cobertura na retaguarda o valente silencia e, quando interpelado, nega.

Jesus

A postura de Jesus em meio a tudo isto revela que ele recusa ambas as modalidades da postura dos discípulos. Sereno, mas decidido, ele dialoga com seus adversários. Cumprimenta Judas, interpela seus captores, questiona o sumo-sacerdote, responde a Pilatos, guarda silêncio perante Herodes, sofre tortura e deboche e, por fim, intercede pelos seus carrascos. Jesus não ora como o rabino Elie Wiesel, no cinquentenário de Auschwitz:

“Although we know that God is merciful, please, God, have no mercy on those who have created this place ... God of forgiveness, do not forgive those murderers of Jewish children here.”⁶

Muito pelo contrário, Jesus clama: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!* (Lc 22:34) Ele descarta, assim, pelo seu amor incondicional, qualquer imposição ou coação como instrumento do diálogo inter-religioso.

No entanto, este amor de Jesus não implica na indiferença tolerante quanto à verdade. Em todos os debates com os seus opositores Jesus não fez média com ninguém. Criticado por questionar a legitimidade do interrogatório do sumo-sacerdote, Jesus não hesita exigir dos seus críticos que provem que ele estava errado (Jo 18:19ss). Quando Pilatos o ameaça com sua autoridade Jesus, sem timidez, o contraria (Jo 19:10ss):

Na postura de Jesus a verdade não se manifesta como verdade objetiva, verificável pela razão como a modernidade a tem buscado. Nem, como verdade

⁶ “Apesar de sabermos que Deus é misericordioso, por favor, Deus não tenha misericórdia daqueles que criaram este lugar ... Deus do perdão, não perdoe os que aqui assassinaram crianças judias”. Citado por James O. Jackson, *Return to Auschwitz*, Revista TIME de 06/02/1995, 11.

particular, inconferrível por natureza, como a pós-modernidade a entende. Pelo contrário, o conceito de verdade que caracteriza a postura de Jesus é pessoal. Ele afirma: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim*” (Jo 14:6). Assim a sua presença desafia seus interlocutores a posicionar-se com relação à verdade revelada em sua pessoa. Em toda sua modéstia e cordialidade ele jamais abre mão dela.

Consequências

Esta atitude de Jesus chama os cristãos à autocritica. Toda e qualquer postura de cruzado, bem como de seu reverso, o silêncio estratégico e a negação vergonhosa, não são evangelho. Mesmo em roupagem moderna e requintada, são mera reedição da lei da selva. Portanto, a conquista das Américas jamais foi evangelizadora, foi anti-evangelho. Assim, quando diz *Basta!* a Pedro, o Senhor também se dirige à sua igreja e a chama ao arrependimento.

Os cristãos estão comprometidos com o *amor incondicional* pelos seus interlocutores. O compromisso com a verdade não os dispensará do amor. Por maior que sejam as discordâncias, eles jamais poderão excluir seus interlocutores do horizonte da graça de Deus. Jesus também morreu por eles. Os seguidores de Jesus devem-lhes amor, amor que *oferece a outra face*, que *anda a segunda milha* e que abre mão de seus direitos; amor que se compromete a orar, a interceder e a clamar por misericórdia.

Por outro lado, o amor jamais os dispensa da verdade revelada em Jesus. O testemunho unânime do Novo Testamento é de que na sua pessoa reside a verdade que procede de Deus. Ainda que isto acarrete sofrimento e humilhação os cristãos estão comprometidos a testemunhar com singeleza e firmeza de coração a singularidade da morte e ressurreição do Unigênito de Deus. Jamais estenderão *sobre a sepultura aberta na páscoa ... mortalhas de pensamentos meramente humanos*, nem usarão *as grandes obras de Deus para espelhar vaidosa presunção*.⁷ Pelo contrário, insistem nesta verdade indisponível que lhes foi concedida graciosamente pelo Espírito Santo.

O CONTEÚDO DO DIÁLOGO

Por fim é necessário precisar o que entendemos por diálogo. Para explicitá-lo é instrutivo voltar mais uma vez ao diálogo promovido pela *Folha de São Paulo*.

Digna de nota é a clareza categórica das posições defendidas pelo islamismo e pelo judaísmo naquele evento. Seus representantes reiteraram, ambos,

⁷Helmuth Tielicke, *Das Bilderbuch Gottes*, Stuttgart 1963, 95 (Prestes a ser publicado pela Encontro Editora)

posições dogmáticas conhecidas: aceitam que Jesus tenha sido profeta e rabino, mas jamais podem reconhecê-lo como Filho de Deus e Messias. Diante desta afirmação os retratos das contribuições cristãs são, no mínimo, pálidas e indefinidas. Segundo o jornal, o padre arrisca questionar o tema do conclave, apontando para o fato de que Jesus não foi um mito, mas sim um personagem histórico. O interlocutor luterano aponta para o compromisso de Jesus com os pobres. E, a teóloga metodista quer repensar o "*sistema de culpa cristão*."

O sacrifício da cristologia do Novo Testamento parece ter sido percebido por alguém na platéia. O jornal relata que "*peçoas na platéia contestaram a possibilidade de entendimento entre cristãos e judeus em função das concepções diferentes sobre o messianismo de Jesus*".⁸ Mas o rabino tratou de acomodar eventuais diferenças em nome da democracia. O leitor fica, assim, com a nítida impressão de que houve, da parte dos painelistas cristãos, um consentimento tácito em prol da harmonia.

O resultado do diálogo teria sido outro, se a Folha tivesse convidado até mesmo um 'pária' evangélico, um representante da Igreja Universal do Reino de Deus. Bastaria a presença um evangélico humilde com alguma articulação. Não hesitaria em trazer sua Bíblia e afirmar que Jesus é seu Senhor, que morreu pelos seus pecados, ressuscitou, vive e reina ao lado de Deus e que voltará como o juiz de toda humanidade.⁹

No diálogo ecumênico praticado pelo Conselho Mundial de Igrejas os evangelicais de longa data têm feito reparo semelhante. Este questionamento pode ser precisado.

Conflito de Dois Conceitos de Diálogo

Lesslie Newbigin, evangelical anglicano que de longa data acompanha o diálogo ecumênico, observa que um fator importante está no entendimento do que vem a ser diálogo. Quando a ênfase for o "compartilhar experiências", o diálogo inter-religioso encerra-se com este compartilhar, pois ele é indiferente à pergunta pela verdade. Isto redundaria em relativismo, subjetivo ou coletivo. Cada qual fica na sua posição. O diálogo como "compartilhar de experiências" sem dúvida tem aspectos legítimos. Mas não é legítimo, afirma Newbigin, abdicar à pergunta pela verdade. E quem a buscar necessita de convicções e de disposição para expor-se à crítica mútua no diálogo inter-religioso.¹⁰

O que isto significa concretamente pode ser exemplificado nos dois episódios relatados a seguir:

⁸*Op. Cit.*

⁹Não quero tirar conclusões precipitadas. Observo apenas a palidez do retrato do testemunho cristão que a Folha de S. Paulo faz. Sirvo-me dele como mero paradigma para a reflexão.

¹⁰Lesslie Newbigin, "Ecumenical Amnesia," in *International Bulletin of Missionary Research* Vol.18, No1, January 1994, 2-5.

Numa cidade catarinense o padre católico anunciou, em missa transmitida pela rádio local, que a paróquia local encomendara junto a um escultor três novas imagens: um Santo Antônio para a capela do bairro, um São Cristóvão para homenagear os motoristas e um Cristo Morto de 1.80 metros, uma vez que a imagem atual media apenas 60 centímetros e “*não correspondia à grandeza da paróquia*”. Sem nenhuma animosidade pessoal, mas com firmeza de convicção o programa evangélico irradiado logo a seguir, questiona o anúncio do padre com base em Êxodo 20:4 e João 4:23ss. e afirma que “*os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores*”.

Um motoqueiro sai da tradicional festa de sua igreja luterana, regada com muita cerveja. Alcoolizado, atropela no acostamento do asfalto um assembleiano que, com a família, ia ao culto naquele domingo à noite. No dia seguinte, os luteranos presentes no enterro foram expostos à pergunta dolorosa: “*Que igreja é essa que oferece seus fiéis bebida alcoólica em vez da palavra?*” Indignados comentaram estas palavras ao voltarem para casa, mas a senhora mais velha do grupo encerrou a discussão, dizendo “*É triste, mas é verdade! Nós precisamos mudar!*”

Mudança de Paradigma no CMI

Em seu livro “*Ecumenism in Tansition: A Paradigm Shift in the Ecumenical Movement? (Ecumenismo em Transição: Uma Mudança de Paradigma no Movimento Ecumênico?)*” o secretário geral do Conselho Mundial de Igrejas, Konrad Raiser, constatou uma mudança de paradigma no Conselho Mundial de Igrejas. Raiser observa que até a sua assembléia geral de Upsalla (1968) vigorava no Conselho Mundial de Igrejas uma teologia cristocêntrica, influência de Karl Barth e, principalmente, de Visser't Hooft. A assembléia de Upsalla optou, então, por uma concepção trinitária que, no entender de Raiser, seria menos autoritária e mais comunicativa.

Newbigin não nega a ocorrência deste redirecionamento, mas contesta que ele deva ser aceito estoicamente como uma mudança do tempo. Afirma que este rumo novo precisa ser avaliado, principalmente porque ele interpreta a orientação trinitária como antítese à teologia cristocêntrica dos primórdios do CMI. Newbigin lembra com propriedade que não se pode esquecer, que a teologia trinitária sempre foi um desdobramento da cristologia neotestamentária. Em vista disto ele expressa, com perspicácia, uma preocupação evangelical quanto ao diálogo inter-religioso promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas:

I am concerned for the integrity of the WCC 's witness to the faith we confess together in the Nicene Creed. Surely to speak much of the atoning work of Jesus on the cross is not be sectar-

*ian or un-Catholic!*¹¹

Uma Segunda Mudança de Paradigma

Parece, no entanto, que, por detrás da mudança de paradigma observada por Konrad Raiser e questionada por Newbigin, há algo não verbalizado no debate entre ecumênicos e evangélicos.

Até os anos sessenta a leitura histórico-crítica da Bíblia ficara restrita aos meios académicos. Mesmo um expoente como Rudolf Bultmann não a verbalizava em seus sermões, marcados por uma linguagem reverente e piedosa. Mas a partir do final desta década a leitura crítica, conquista mais e mais púlpitos, especialmente na Europa.

Podemos acompanhar este fenómeno de maneira muito instrutiva comparando duas Bíblias infantis originárias da Holanda, também publicadas no Brasil. Desprovidas da roupagem sofisticada da literatura académica sobre a Bíblia elas expõem despreocupadamente sua leitura. Trata-se da “**Bíblia para crianças**” de Anne de Vries¹² e das “**Histórias do povo da Bíblia**” de Karel Eykman e Bert Boumann.¹³ Vale a pena colocar lado a lado suas narrativas.

Anne de Vries escreveu seu livro logo após a Segunda Guerra Mundial a partir de sua experiência com crianças deficientes. Reconta as histórias bíblicas numa linguagem infantil. Por vezes simplifica e moraliza o relato bíblico, mas de modo geral segue os textos bíblicos com fidelidade. Já o livro de Karel Eykman originou-se “*a partir de um seriado bíblico, planejado e elaborado por uma equipe ecumênica, e exibido na televisão holandesa*” na década de setenta.¹⁴ O texto não se limita a uma narração ingênua como a de Vries. Propõe-se expressamente a retratar “*aquilo que ainda hoje continua vivo para nós*”.¹⁵ Em fidelidade a este princípio e com fantasia suficiente toda a história bíblica abordada é submetida a uma re-leitura. Tudo o que não condiz a este parâmetro é reinterpretado. O resultado é surpreendente como podemos ver nos exemplos da amostragem que segue:

¹¹“Estou preocupado com a integridade do testemunho do Conselho Mundial de Igrejas em relação ao que confessamos em conjunto no Credo Niceno. Certamente falar muito da obra expiatória de Jesus na cruz não equivale a ser sectário ou não-católico.” Replay to Konrad Raiser, Lesslie Newbigin, in *International Bulletin of Missionary Research*, Vol 18, No 2, April 1994, 51.

¹²Título original “*Kleuter Vertelboek voor de Bijbelse Geschiedenis*”, Kampen, Holanda, 1952; editada em português pela Editora Sinodal, São Leopoldo, 8ª. edição, 1980.

¹³Título original “*Woord voor woord. Kinderbijbel. Het Oude Testament. Het Nieuwe Testament*”, Zomer & Keuning Boeken B.V., Ede, Holanda, 3 ed. 1982; editadas no Brasil por Edições Paulinas / Editora Sinodal, São Paulo, 1986.

¹⁴*Op. Cit.*, 9

¹⁵*Ibid.*

- A vocação de Abraão nasce do seu questionamento de divindades ancestrais. Por iniciativa própria ele sai à procura de *“uma terra onde a gente possa viver com Deus de modo diferente”*.
- Na saída do Egito Israel atravessa com dificuldade *“um imenso lamaçal”* de um *mangue* graças a um *vento forte que empurrou a água para longe* e alimentou-se de *“sementinhas deixadas por largatas”* do deserto.
- Na narrativa do nascimento de Jesus, despojada de anjos, pastores dizem: *Afinal pode ser que ele seja aquele com quem sonhamos*.
- A tentação se resume a um diálogo de Jesus consigo mesmo.
- A ceia pascal não faz alusão às palavras de instituição, no calvário não há palavra de perdão nem aos carrascos, nem ao malfeitor, e os relatos da páscoa reportam-se um encontro com um interlocutor que permanece incógnito.
- No pentecostes não houve nem línguas de fogo, nem arrependimento, só batismos e a conversão de Saulo é complementada com detalhes biográficos apócrifos sobre sua formação acadêmica.¹⁶

Estas amostras bastam para perceber que todos os relatos bíblicos adquirem uma configuração totalmente nova. Os textos bíblicos são despojados de toda referência à revelação. O milagre é atropelado pela racionalização. O mistério Jesus é nivelado por explicações banais. O autor desta releitura o faz, no entanto, no bom propósito de despertar *“o prazer na leitura da Bíblia”* e levar *“a um encontro com as Sagradas Escrituras”*.¹⁷ Ele traduz, ao seu modo, os resultados da exegese histórico-crítica para os pequeninos e por isto o título original do livro é *“Woord voor woord”, “Palavra por palavra”*.

A tendência da leitura bíblica retratada na comparação destas Bíblias infantis há muito ganhou os seminários e também os púlpitos das igrejas históricas, mormente na Europa. Além disso, perfaz o contexto maior das discussões sobre o diálogo inter-religioso. Depois duma resenha da fé orientada no critério de como *“nós mesmos vivenciamos estas histórias”*,¹⁸ isto é, depois duma atualização da fé pelo denominador mínimo comum da racionalidade — o parâmetro da modernidade — tanto a compreensão da Cristologia como a da Trindade não serão mais as mesmas.

A leitura que cristãos fazem da sua Bíblia tem implicações para o diálogo inter-religioso. Pois, quem comunga da diluição dos parâmetros bíblicos encara o diálogo entre as diversas igrejas cristãs, bem como com as religiões de uma

¹⁶*Ibid.*, 13; 101-103; 108; 274; 279-281; 361-363; 370s; 372-379; 380s; 396-411.

¹⁷*Ibid.*, 9

¹⁸*Ibid.*

outra perspectiva. O seu próprio ponto de partida foi relativado, de modo que ele deixou de ser o referencial para o diálogo. Tal pessoa, ao dialogar, se orientará necessariamente pelos critérios da própria reengenharia da fé: a razão. E, guiado por ela, sai à busca de interlocutores que comungam dos mesmos pressupostos. Não importa se procedem de outras igrejas ou de outras religiões. A fronteira maior não está entre igrejas e as religiões, mas sim nelas próprias.

Não é por acaso que no diálogo promovido pela Folha o representante do islamismo afirmou com insistência que “*grupos radicais não representam o Islã*”. O fundamentalismo islâmico não tem lugar entre os painelistas. Nem por isto deixa de marcar presença, ainda que como fantasma. Semelhantemente os “fundamentalistas”, os cristãos são vistos como pedra de tropeço para o ecumenismo.

CONCLUSÃO

Com razão alguém poderia indagar, se no meio evangelical ainda sobra algum espaço para um diálogo inter-eclesial e inter-religioso. Cristão que não adere à reengenharia da fé que está em voga, mas que se submete ao testemunho bíblico e professa a singularidade e unicidade do evangelho de Jesus Cristo, participará do diálogo sim, mas não deixará de testemunhar a verdade que lhe foi revelada e da qual vive.

Para concluir ilustremos esta postura em exemplos concretos. Em sua casa numa praia catarinense um pastor emérito reunia um colorido grupo para o estudo bíblico: católicos e luteranos, um adventista, um assembleiano e uma testemunha de Jeová. No primeiro encontro ameaçava repetir-se o episódio da torre de Babel, tal a diversidade entre os participantes. Cada um puxava a brasa para o seu lado. Por fim o pastor, com amabilidade e firmeza, propôs: “*Reunimo-nos, aqui, com o único propósito de falar de Jesus!*” Ao findar do encontro o adventista confidenciaria ao pastor: “*Eu falei do sábado, mas reconheço que preciso de Jesus!*”

O compromisso com o amor incondicional e com a verdade revelada na pessoa de Jesus também indica o caminho no diálogo com outras religiões: Anos atrás um cristão e um espírita debateram noite a dentro a diferença de suas convicções. No outro dia o espírita comentaria o diálogo com sua filha: “*Ele não concorda com nada do que eu creio, mas ele me ama!*”